

encenação
JOÃO CARDOSO

tradução
CONSTANÇA CARVALHO HOMEM

interpretação
MARIA TERESA BARBOSA
PAULO FREIXINHO
PEDRO FRIAS
ROSA QUIROGA

cenografia e figurinos
SISSA AFONSO
desenho de luz
NUNO MEIRA
sonoplastia
FRANCISCO LEAL

operação de som e luz
PEDRO DELFIM
fotografia de cena
EGÍDIO SANTOS
construção e montagem de cena
TUDO FAÇO
imagem gráfica
SISSA AFONSO

apoio à produção
RITA FIGUEIREDO

produção executiva
MARTA LIMA

produção
ASSÉDIO

LÚCIDO (2006)
de RAFAEL SPREGELBURD

11 A 27 MARÇO
QUARTA A DOMINGO 21H30

Um jantar em família esforçado e eufórico, um regresso a casa aparentemente vingativo, as mesmas quatro personagens em território cada vez mais instável. Sitcom ou melodrama? Tragédia de vingança ou comédia de enganos? Talvez seja um pouco de todos, este *Lúcido*, de Rafael Spregelburd, produto assumidamente mestiço. Alternando entre o drama doméstico, aceite como factual, e o sonho lúcido - uma realidade simulada e terapêutica - o espectáculo traça a derrocada de uma família e expõe a difícil, e saborosamente ridícula, reconstrução da identidade dos seus membros. Num jogo em aberto até ao fim, o espectáculo baralha mais do que distingue o real e o onírico, as personagens e os espectros.

Duração aproximada | 1h50
M | 12

SALA DE BOLSO
Rua de Miragaia, 61
4050-430 PORTO

RESERVAS | 912 266 590
assedio@assedioteatro.com.pt

AGRADECIMENTOS

Alexandra Moreira da Silva
Alexandra Soares
Café Mariana (Miragaia)
Câmara Municipal Do Porto
Casa da Música
Diana Roquette
Egídio Santos
Ernesto Costa
Filipe Pinheiro
Fuselog
Lígia Sousa
Luís Batalha
Mão Esquerda Second Hand's First
Rita Costa Figueiredo
Rui Simão
TNSJ - Teatro Nacional São João
Salvador Santos



ASSÉDIO | Associação de Ideias Obscuras
www.facebook.com/assedio.teatro
assedio@assedioteatro.com.pt
M. 912 266 590

Estrutura financiada por:



SECRETARIE DE ESTADO DA CULTURA



Apoio:



“Todas as peças põem em jogo informações. As mais interessantes são aquelas a que falta informação, em que há lacunas. E nessas lacunas existem respostas ao sentido da nossa existência, aos nossos problemas afectivos, emocionais. Os temas do novo teatro argentino são os mesmos de Chekhov ou Shakespeare...”

É uma declaração tecnicista e um pouco vaga de Spregelburd, e ainda assim um excelente resumo do seu *Lúcido*. Ofuscados primeiro pelo diálogo rápido e abrasivo, espécie de fogo de artifício, veremos depois como o muito que se diz não pode resolver o profundo desencontro entre as partes dialogantes, lógico e ontológico. E, por outro lado, o que julgamos ir sabendo, o que acreditamos poder reconstituir da história da família, é sucessivamente revisto com novos factos que podem parecer tão disparatados quanto os anteriores. Estamos perante um jogo de verdades provisórias e improváveis. À semelhança de outros textos do autor, não se pressente em *Lúcido* a arrogância de uma novidade frívola, há até um lado absolutamente clássico e europeu na ambição de combate ao “aborrecimento mortal”; a estratégia de aproximação dos géneros e das convenções da alta e da baixa cultura - essa sim, assumida como sul-americana e epocal - apenas facilita moderadamente o acesso ao espectador activo que este teatro convoca. Estamos perante um jogo de verdades provisórias e improváveis. Com roupa de festa, uma forma de sede: “O que é verdadeiramente importante no meu trabalho é a produção de subjectividade. Pouco importa se me sirvo de um pano de fundo de sitcom televisiva a que junto uma sequência de cenas curtas, pouco importa, conquanto chegue a criar uma subjectividade, opiniões subjectivas que não sejam dominadas por uma única intenção, por um objectivo de mercado.”

Constança Carvalho Homem

Uma casa a desfazer-se

A família. Sítio ideal. O melhor e o péssimo. Crescer e fazer medrar. A família. Sempre disfuncional porque única. O falso farol. A manipulação e a vitimização De uns e de outros. O poder e a obediência. A autoridade, a complacência. O drama doméstico. Filhos desfocados. A doença mental da mãe. A crise dos pais. Do país. Decadência das classes médias. Dinheiro debaixo das bananas. As Mulherzinhas na peixaria. Argentina no drama dos rabos de peixe. Cartão de crédito de solidão, de depressão. Amarelo e laranja. A forma e o fundo. Cores quentes nas extremadas atitudes. Dentro fora das cabeças. Equívocos e reivindicações. Esparguete Alfredo ou Bolonhesa. Partilhas numa família partida. Quebrada nos vínculos. A reconstrução do indivíduo. Exorcismo no quarto dos brinquedos. Sangue em falta. Isolado a meio-campo. A ruína onde se escondem personagens em portas giratórias. Fantasmas e candeeiros. Maridos a precisar de ar. Menu infantil, rins, córneas, carne laminada na pedra quente. O Pip no forno. Badmington ou ténis, microcosmos em vórtice surpreendente. Ovnis, luzes e ruídos. Sedução, mentiras e transplantes. Lucidez experimentada numa técnica difícil. Tombam os protagonistas. Uma casa a desfazer-se. As palavras são escassas. Roly tira daí os dedos!

João Cardoso

